

Evandro Cardoso do Nascimento

O lanço, o terço e os quinhões

Reciprocidade e troca na pesca
coletiva da tainha na Ilha do Mel



Editora
UFPR

O lanço, o terço e os quinhões

Reciprocidade e troca na pesca
coletiva da tainha na Ilha do Mel



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Hertz Wendel de Camargo

Conselho Editorial que aprovou este livro

Adriano Codato

Allan Valenza da Silveira

Alzir Felipe Buffara Antunes

Claudio José Barros de Carvalho

Diomar Augusto de Quadros

Eleusis Ronconi de Nazareno

Fábio Meurer

Fabrcio Schwanz da Silva

Margarete Casagrande Lass Erbe

Sérgio Luiz Meister Berleze

Patricia Leen Kosako

Evandro Cardoso do Nascimento

O lanço, o terço e os quinhões

Reciprocidade e troca na pesca
coletiva da tainha na Ilha do Mel

© Evandro Cardoso do Nascimento

O lanço, o terço e os quinhões

Reciprocidade e troca na pesca
coletiva da tainha na Ilha do Mel

Coordenação editorial

Rachel Cristina Pavim

Revisão

Francisco Roberto Szezech Innocêncio e Víctor Hugo Labrozzi

Revisão final

Loide Sulamita Mendes do Nascimento

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rachel Cristina Pavim

Capa

Reinaldo Weber

Foto da capa

Simone Frigo

Série Pesquisa, n. 360

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca Central. Coordenação de Processos Técnicos.

N244 Nascimento, Evandro Cardoso do, 1988-

O lanço, o terço e os quinhões: reciprocidade e troca na pesca coletiva da tainha na Ilha do Mel \ Evandro Cardoso do Nascimento. – Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

120 p.: il., color.; 22 cm. – (Série pesquisa, n. 360).

Inclui referências: p. 115-118.

ISBN 978-85-8480-173-2

1. Pesca – Aspectos antropológicos. 2. Pesca artesanal – Mel, Ilha do (PR). 3. Teoria da reciprocidade. I. Título. II. Série.

CDD: 639.2098162

CDU: 639:658.6

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-85-8480-173-2

Ref. 960

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua João Negrão, 280, 2.º andar – Centro

Tel.: (41) 3360-7489

80010-200 – Curitiba – Paraná – Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2019



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

“Quem esquece a prática da reciprocidade perde sua alma!”

Mireille Chabal

AGRADECIMENTO

Aos pescadores e às pescadoras da Ilha do Mel, por me receberem tão bem durante o inverno de 2015. Ao professor Dr. Valdir Frigo Denardin, pela orientação na pesquisa, pela correção dos textos e por aceitar prefaciá-la esta obra. Ao professor Dr. Eric Sabourin, pelas conversas esclarecedoras e pelo texto de apresentação deste livro. À professora Dra. Cristina Teixeira, pelas contribuições na banca de defesa e pelo incentivo para que eu continuasse os estudos no doutorado. Aos professores e às professoras do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da UFPR – Setor Litoral, com quem tanto aprendi durante o curso de mestrado. À professora Me. Loide Sulamita Mendes, minha companheira, pelo apoio de sempre e por realizar a revisão textual. À antropóloga Dra. Simone Frigo, por fornecer as fotos que compõem este livro. Aos amigos João Paulo de Melo Portes e Gustavo Augusto Santos Elste, do Grupo de Estudos em Geoprocessamentos – Estudo GIS, que contribuíram com a construção dos mapas que compõem este livro. À Editora UFPR, pelos pareceres cuidadosos e por possibilitar esta publicação.

Meu muito obrigado!

A Deonides Cardoso do Nascimento, minha mãe.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO / 7

PREFÁCIO / 13

INTRODUÇÃO / 17

A RECIPROCIDADE / 23

 O LUGAR DA ECONOMIA / 24

 A TEORIA DA RECIPROCIDADE / 30

A ILHA DO MEL / 45

 A OCUPAÇÃO DA ILHA DO MEL / 47

 O TERRITÓRIO DA PESCA E DO TURISMO / 50

A TEMPORADA DE TAINHA / 55

 PESCADORES E PESCADORAS DA PRAIA DO MIGUEL / 65

 PESCADORES E PESCADORAS DA PRAIA DO FAROL / 90

 RECIPROCIDADE NA PRAIA DO MIGUEL E NA PRAIA DO FAROL / 102

CONSIDERAÇÕES FINAIS / 111

REFERÊNCIAS / 115

PREFÁCIO

A sociedade contemporânea está submersa em relações de troca mercantil. O homem se comporta de acordo com o mercado, e isso influencia sua relação com o meio ambiente. O homem, mão de obra, e os recursos, terra, nas sociedades de mercado, transformaram-se em mercadorias, e como tais, foram precificados.

No mercado, movido pela busca da maximização dos resultados, o individualismo impera como regra geral: os consumidores buscam a ampliação de seu proveito/satisfação e os produtores, a maximização dos lucros. O individualismo, presente nas relações de troca mercantil, parece se estender para todas as relações sociais, criando regras que passam a caracterizar a economia de mercado.

No sistema de mercado, como lembra Karl Polanyi (2012), a economia esvazia-se de princípios de reciprocidade; ela fica desenraizada das relações sociais, políticas e religiosas. Em uma economia desenraizada, a subsistência do homem não depende mais de laços comunitários, em que princípios de reciprocidade estão presentes, mas de relações de troca mercantis, pautadas no dinheiro como fim.

Segundo Polanyi (2000), nesse tipo de economia, o significado formal do econômico está relacionado à noção de escassez, à produção a baixo custo e à maximização dos recursos disponíveis. A ação econômica na sociedade de mercado é realizada por indivíduos atomizados, que buscam ampliar ao máximo os resultados, uma orientação seguida por produtores e consumidores. Ao contrário, o significado substantivo do *econômico* evidencia a dependência do homem do meio físico, da natureza, e das relações sociais estabelecidas entre seus pares. É o intercâmbio do homem com o meio natural e social que provê os recursos necessários

para satisfazer suas necessidades. Nessa perspectiva, os princípios de reciprocidade, presentes nas relações de vizinhança, de parentesco, religiosas e políticas, contribuem para promover a subsistência do homem.

Os princípios de reciprocidade, presentes nas relações sociais de produção, por exemplo, da agricultura familiar, em que os membros da família se ajudam em atividades relacionadas ao preparo do solo para o plantio ou colheita, também estão presentes na pesca artesanal da tainha na Ilha do Mel, Litoral do Paraná.

Os pescadores realizam coletivamente a pesca artesanal da tainha: o espia identifica o cardume se aproximando da praia, os proeiros remam para mover a canoa, o chumbreiro lança a rede à água e, junto ao proprietário da canoa, formam um conjunto harmônico e necessário à pescaria. O peixe, resultado do trabalho coletivo da pesca artesanal da tainha, é distribuído entre os participantes do lanço, seguindo costumes e tradições. O terço e os quinhões são princípios institucionalizados, regras e normas não escritas, mas aceitas no coletivo.

A pesca artesanal da tainha depende do coletivo de pescadores e no exercício da atividade produtiva se observam princípios de reciprocidade. Na pesca artesanal da tainha, o homem se mostra dependente, tanto da natureza (mar) quanto dos seus semelhantes (relações sociais) para a realização da atividade. A pesca artesanal da tainha na Ilha do Mel evidencia a existência de uma economia enraizada em relações sociais de vizinhança e parentesco, para a qual o coletivo se impõe ao individualismo. A pesca, que depende de laços comunitários, permite a sobrevivência do homem.

Em uma sociedade de mercado, em que o homem e a terra são mercadorias e a troca mercantil monetária se institucionaliza como formal, coexistem outras racionalidades que estruturam relações que se desenvolvem no interior das atividades produtivas que promovem a subsistência do homem. No caso da pesca artesanal da tainha, as relações são tanto de troca mercantil quanto de reciprocidade, ambas coexistindo.

Entre tantos outros resultados, este livro demonstra como coexistem as economias substantiva e formal, contribuindo para a subsistência do

homem. A economia de mercado não é a economia humana; a economia do homem é repleta de relações sociais e não segue uma única racionalidade.

Os resultados apresentados neste livro nos inspiram a pensar noutros estilos de desenvolvimento, a partir da comprovação de que a dimensão econômica não é hegemônica, e de que tampouco a economia de mercado é enraizada. As relações sociais se mostram importantes, não só para a reprodução social das famílias, como também para a subsistência do homem. Compreender a subsistência do homem para além das trocas mercantis monetárias permite evidenciar outras relações entre os homens que vão além da maximização de interesses individuais. Negar a importância das relações sociais e a relação destas com a natureza para prover os meios de subsistência do homem é um equívoco presente no formalismo econômico.

Agradeço ao Evandro, um historiador, de quem tive o prazer de ser orientador de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, pelo convite amigável em escrever o prefácio deste belo livro que relata com enorme riqueza de detalhes a pesca artesanal da tainha na Ilha do Mel, Litoral do Paraná, contribuindo assim para esse conhecimento, que extrapola o tema e o local da pesquisa. O livro é uma contribuição ímpar de quem vive, ensina e pesquisa no Litoral do Paraná. O texto nos permite compreender como os pescadores se organizam para realizar a captura, socializa expressões utilizadas no cotidiano da atividade e, com propriedade, esclarece como se efetua a distribuição dos ganhos advindos dessa pesca entre os pescadores.

Prof. Dr. Valdir Frigo Denardin